

## A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS QUE APRESENTAM DIFICULDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I

### MEDIATION IN THE ALPHABETIZATION AND LITERACY PROCESS OF CHILDREN WHO PRESENT DIFFICULTIES IN FIRST GRADES OF ELEMENTARY SCHOOL

Dieine Colares Pereira Rodrigues<sup>1</sup>

Zélia Medeiros Silveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa aborda a importância da mediação no processo de alfabetização e letramento das crianças que apresentam dificuldade nas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I. Para realizar esta análise dialogamos com os autores que discutem as concepções de ensino e aprendizagem, dificuldade e o processo de alfabetização e letramento. Além do estudo teórico, foi realizada também uma pesquisa de campo por meio de uma entrevista semiestruturada, com 5 (cinco) professoras de 4 (quatro) escolas da rede municipal de ensino de Sombrio/SC. Os resultados da pesquisa apontam que as professoras não compreendem o que é mediação e sua importância no processo de alfabetização e letramento de forma clara. Essa falta de compreensão prejudica a mediação dos conhecimentos com as crianças que apresentam dificuldade nesse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação. Processo de alfabetização e letramento. Dificuldade.

**ABSTRACT:** This study discusses the importance of mediation in the process of alphabetization and literacy of children with difficulties in classes of 3<sup>rd</sup> year on Elementary School I. To perform this analysis we dialogue with the authors who discusses the conceptions of teaching and learning, learning difficulties and the process of alphabetization and literacy. Beyond the theoretical study, it was also conducted a field research using a semi structured interview with five (5) teachers from four (4) schools within the Sombrio/SC municipal educational system. The research results indicate that the teachers do not understand what is in a clear way mediation and its importance in the process of alphabetization and literacy. This lack of understanding damage the mediation of knowledge with children who have difficulties in this process.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. dieinecolares@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Mestre em educação. zms@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

**KEYWORDS:** Mediation. Alphabetization and literacy process. Difficulties.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa, “a mediação no processo de alfabetização e letramento das crianças que apresentam dificuldade no Ensino Fundamental I”, foi escolhido a partir das vivências que obtive no ambiente educacional como segunda professora e no Estágio Obrigatório que realizei no Ensino Fundamental I em uma turma de 2º ano. Foi possível perceber que os professores não mediam os conhecimentos científicos de forma planejada e sistematizada com os alunos que apresentam dificuldade, podendo com esta atitude comprometer o processo de ensino e aprendizagem.

Esse desejo também foi provocado pela minha participação no Projeto de Iniciação Científica (PIC 170), que permitiu pesquisar sobre a mediação do conhecimento no ensino de ciências na rede estadual e municipal de Sombrio/SC. A pesquisa possibilitou problematizar o papel do professor na mediação dos conteúdos científicos.

Em algumas destas vivências foi possível observar que a prática pedagógica mais frequente dos professores era que, ao entrar na sala, logo iniciam a aula escrevendo no quadro negro. Aos alunos cabiam copiar em seu caderno e aguardar pela explicação do conteúdo, para que na sequência realizassem as atividades propostas pelo professor. Nesse sentido a aprendizagem se torna um processo mecânico e sem significados para os alunos. Desse modo percebe-se a importância da mediação no processo de ensino e aprendizagem e, sobretudo na alfabetização e letramento das crianças.

Para realizar a pesquisa elaborou-se o seguinte problema: Existe mediação do conhecimento no processo de alfabetização e letramento das crianças que apresentam dificuldade? E como objetivo geral “pesquisar se há mediação do conhecimento na relação de ensino e aprendizagem das crianças que apresentam dificuldade no processo de alfabetização e letramento”.

A partir do objetivo geral foram definidos como objetivos específicos: analisar a concepção de ensino e aprendizagem que embasa a prática pedagógica dos professores; perceber o que eles entendem por mediação do conhecimento no processo de alfabetização e letramento; constatar o que os professores compreendem por dificuldade; verificar como

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

ocorre a mediação dos conhecimentos em sala de aula; verificar quais metodologias os professores utilizam no processo de alfabetização e letramento diante das dificuldades; identificar o que eles entendem sobre o processo de alfabetização e letramento.

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com 5 (cinco) professoras das turmas de 3º ano de 4 (quatro) escolas da rede municipal de Sombrio/SC. Com a pesquisa almeja-se contribuir para a formação continuada dos professores, para que possam refletir sobre sua prática pedagógica sobre a mediação do conhecimento diante a dificuldade apresentada por crianças no processo de alfabetização e letramento.

## 2 CONCEPÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM

No cenário educacional percebe-se que diferentes concepções de ensino e aprendizagem se refletem na prática pedagógica dos professores. Por isso, faz-se necessário revisar essas teorias, ressaltando seus aspectos relevantes. Entre elas destacam: a Concepção Inatista, Comportamentalista, Construtivista e Histórico-Cultural.

A *concepção Inatista* se origina da ideia que a inteligência é um fator biológico, que está presente desde o nascimento do sujeito. Segundo Fontana e Cruz (1997, p. 11), a “[...] maturação, aptidão, inteligência são temas tradicionais abordados pela psicologia numa perspectiva que atribui um papel central a fatores biológicos no desenvolvimento da criança.” Desse modo, apresentam-se os fatores hereditários e de maturação, sendo os hereditários as características que a criança possui semelhantes a genéticas dos pais, ou seja, herança genética. E a maturação representa desenvolvimento padrão do indivíduo, respondendo ao seu padrão biológico, cada etapa da vida.

A Concepção Inatista até nos dias atuais exerce influências no ambiente escolar, pois muitos ainda acreditam que a criança aprende apenas se possuir o nível de desenvolvimento adequado, portanto a aprendizagem não faz com que ela se desenvolva. Fontana e Cruz (1997) afirmam que, para os inatistas, a aprendizagem da criança ao longo da sua vida está relacionada com o seu desenvolvimento, pois é a aprendizagem que depende do desenvolvimento. Nesta concepção o sujeito terá condições de aprender se possuir um nível de maturação adequada ao conhecimento proposto pela escola.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

Assim sendo, o professor e a escola não têm implicações na dificuldade que o aluno poderá apresentar no seu processo de alfabetização e letramento, pois para o sujeito aprender é necessária a maturação, visto que a aprendizagem depende desta.

Na *Concepção Comportamentalista* se destacam os fatores externos, diferente da abordagem Inatista. Para Fontana e Cruz (1997), o comportamentalismo surge da ideia que as ações a partir das habilidades individuais determinam-se as suas relações no meio que estão inseridos. De acordo com as autoras, a aprendizagem é um tema importante para a concepção comportamentalista, pois é a partir da aprendizagem que o indivíduo adquire novas experiências. Contudo, aprendizagem ocorre por meio de condicionamentos, estímulos e resposta, e segundo Fontana e Cruz (1997), nesta concepção o desenvolvimento e aprendizagem são processos simultâneos, sendo o desenvolvimento o resultado da aprendizagem.

Sobre isso Fontana e Cruz (1997) acrescentam que os comportamentos humanos são resultados imprevistos do meio, e têm refletido nos ambientes escolares. Assim percebe-se a presença de reforçadores para aprendizagem. Portanto, para o aluno aprender é necessário memorizar os conteúdos de forma passiva, sendo o professor o transmissor do conhecimento, pois o aluno é como uma folha em branco que necessita do professor para ser preenchida.

A concepção Comportamentalista pode ser considerada a “educação bancária” de Paulo Freire (1970), em que o professor deposita e o aluno recebe. O processo de ensino e aprendizagem é mecânico, o aluno reproduz o que é transmitido, sendo que não é sujeito do processo, mas o objeto.

Partindo do outro ponto de vista, a *Concepção Construtivista*, que teve como principal estudioso Jean Piaget, segundo Fontana e Cruz (1997) buscou compreender como o sujeito constrói o conhecimento, desenvolvendo a Psicologia genética, que faz referência ao surgimento de processos de elaboração do conhecimento. Para Piaget, segundo Fontana e Cruz (1997), a infância é considerada um período importante no processo do conhecimento, mas dedicou-se estudar o desenvolvimento do conhecimento.

No que diz respeito à aprendizagem as autoras citadas ressaltam que esta não interfere no desenvolvimento, mas depende dele, ou seja, para a criança aprender é necessário um desenvolvimento adequado. Portanto, o que é ensinado para a criança sem que possua um grau de compreensão não será aprendido de fato, mas memorizado.

De modo diferente, a *Concepção Histórico-Cultural* tem como orientador Lev Semenovich Vygotsky, que buscou compreender como o ser humano a partir das suas relações sociais aprende e se desenvolve. Entende-se que:

[...] a criança está em constante interação com os adultos, que compartilham com elas seus modos de viver, de fazer as coisas, de dizer e de pensar, integrando-as aos significados que forem sendo produzidos e acumulados historicamente (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 57).

Portanto, por meio das internalizações o sujeito se apropria de novos conhecimentos. Segundo as autoras, o processo de aprendizagem antecede o desenvolvimento, pois ao aprender o indivíduo impulsiona o seu desenvolvimento. Sendo assim, existe uma interação direta entre aprendizagem e desenvolvimento.

Os instrumentos e signos têm papel fundamental nesta concepção, pois é a partir deles que é mediada a relação do homem com o meio social. Mas são diferentes um do outro. Os instrumentos são aquilo que introduz a relação do homem com o ambiente em que está inserido, possibilitando ampliação e modificação da ação humana. Os signos são os instrumentos psicológicos, o que representa algo que não está presente. Desse modo compreende-se que os instrumentos modificam o exterior, enquanto os signos o interno (FONTANA; CRUZ, 1997). Portanto, o instrumento é o objeto, que auxilia o trabalho do ser humano, enquanto o signo auxilia os processos psicológicos, o interno.

Para Lucci (2006), o desenvolvimento mental é caracterizado pela interiorização das funções superiores, sendo que não é o simples fato de transferir uma atividade externa para o interno, mas como o processo interno é formado. As funções psicológicas superiores são modificações qualitativas dialéticas, por isso exige um grau de complexidade.

Nesta concepção, a Zona de Desenvolvimento Proximal tem lugar de destaque, pois Vygotsky descreve que está localiza-se entre a Zona de Desenvolvimento Real e Potencial. Desse modo, é “[...] aquilo que a criança é capaz de fazer com assistência hoje ela será capaz de fazer sozinha amanhã.” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 64). Portanto, quando a criança é auxiliada se encontra na Zona de Desenvolvimento Potencial e quando consegue realizar sozinha atingiu a Zona de Desenvolvimento Real.

Portanto para que aconteça a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é

importante a mediação do conhecimento, deste modo faz necessário o uso do instrumento, signo e do outro, pois a mediação só é consolidada com o uso dos mesmos, e assim a criança conseguirá superar os conhecimentos iniciais, criando pensamento mais complexas.

## 2.4.1 Mediação do conhecimento

A mediação está presente durante o processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito desde seu nascimento. Portanto, se faz necessário compreender o que é mediação, já que é de suma importância para a apropriação do conhecimento científico na escola.

De acordo com Junckes (2013), a mediação é um processo psicológico que se desenvolve a partir das interações entre sujeito e objeto, transformando a realidade concreta para o simbólico, permitindo relações sem a presença de material concreto. Desse modo, percebe-se que para mediar o processo de ensino e aprendizagem é necessário ir além da interação, pois a interação por si só não garante o processo de mediação do conhecimento. É necessário superar os conhecimentos iniciais e o senso comum, construindo o conhecimento científico.

Farias e Bortalonza (2013) afirmam que o conhecimento é o objeto mediador principal entre o homem e o mundo. As autoras destacam que a escola deve cumprir seu papel propiciando aos educandos aprendizagens dos conceitos científicos, mas que para chegar a este objetivo é necessário o processo de mediação.

Segundo Farias e Bortalonza (2013), Vygotsky descreve dois aspectos sobre a apropriação do conhecimento que abrangem a mediação, o primeiro é o conhecimento do cotidiano, que são os conceitos espontâneos, construídos por meio das observações das relações sociais, do dia-a-dia. O segundo é o conhecimento científico construído de forma intencional, sistemática, que está presente na escola.

Para a apropriação do novo conhecimento, portanto, é necessário que o professor planeje suas práticas pedagógicas considerando os conhecimentos que os alunos possuem, possibilitando a relação entre o conhecimento do cotidiano e o científico.

Assim é relevante que o professor busque conhecer a realidade em que o aluno está inserido, para que seja possível mediar o processo de ensino-aprendizagem atuando na ZDP e desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

O papel do professor, ao mediar os conteúdos curriculares, é estabelecer uma interação entre educador e educando por meio da qual é possível promover um ensino intencional que permite ao educando se apropriar dos conhecimentos e conceitos científicos e desenvolver suas funções psicológicas superiores (FARIAS; BORTOLANZA, 2013, p. 107).

Consequentemente, se faz necessário a interação entre professor e aluno para que seja possível a mediação do conhecimento. Contudo, para haver mediação o professor necessita ter um nível de conhecimento mais aprofundado do que o aluno, para conseguir ajudá-lo a se apropriar de novos conhecimentos.

Diante do exposto no processo de alfabetização e letramento é necessária a mediação, pois como afirma Junckes (2013) é por meio dela que o professor propiciará ao aluno a busca por novos conhecimentos, a investigação e a reflexão. A autora ainda afirma que para a aprendizagem e o desenvolvimento precisa mais que um ambiente alfabetizador, é necessária uma mediação, que contribua para a autonomia e a ação para o desenvolvimento das funções mentais superiores. Nessa perspectiva, de nada adianta sobrecarregar a sala de aula com materiais alfabetizadores, se professor não os utilizar como instrumentos mediadores, ou seja, mais importante que os recursos, é necessário que a prática pedagógica seja intencional e sistematizada.

Para Farias e Bortolanza (2013), a mediação é condição necessária para o desenvolvimento cultural do indivíduo. Assim ele faz parte do processo, sendo ativo e interativo no processo de aprendizagem e desenvolvimento, sendo necessário que o professor rompa com as práticas pedagógicas reprodutivistas.

### **3 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

É de suma importância a compreensão sobre a alfabetização e o letramento, uma vez que estão presentes no ambiente educacional e nas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Para Soares (2004, p. 6), a “alfabetização é a ação da aquisição do código da escrita e da leitura, codificação através da escrita e decodificação através da leitura, em suma, alfabetizar-se é aprender a ler e a escrever.” Assim sendo, alfabetização é conhecer o sistema de escrita, e a codificação e decodificação, que necessita da compreensão do que está sendo lido.

Já o letramento é definido por Soares (2002, p. 18) como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever.” Podemos afirmar que o letramento é a aplicabilidade do conhecimento, está ligado ao uso nas práticas sociais nos diferentes espaços. Portanto, o letramento está presente nos diferentes lugares, dentro ou fora escola.

Mas vale ressaltar que os conceitos apresentados são indissociáveis, e é necessário que no ambiente escolar aconteça o processo de alfabetização e o letramento. Vale dizer que o processo de alfabetização acontece antes mesmo de a criança frequentar a escola. Para Gontijo (2008), o ambiente urbano e o meio social, onde se faz uso da leitura e escrita pode possibilitar situações de compreensão das funções e usos da escrita pela criança.

A autora ainda afirma que o centro da alfabetização está na necessidade de construir um conceito amplo, para que seja possível compreender diversas práticas de leitura e produções textuais. Ressalta-se assim a importância de compreender a alfabetização como uma prática sociocultural que possibilita o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita. Gontijo (2008, p. 17) afirma que:

Aprender as letras do alfabeto é muito importante, mas insuficiente para que indivíduo ou grupo de indivíduos seja considerado alfabetizado. Muitas vezes, podemos ver crianças pequenas desenhando as letras do alfabeto ou repetindo oralmente sua sequência sem compreender o que a escrita representa, os seus usos, funções etc.

Nesse sentido o processo de alfabetização necessita ocorrer de forma sistematizada, propiciando situações em que a criança possa construir novos significados a partir dos conhecimentos já obtidos no meio social. Esse entendimento remete à ideia de Fontana (2005) quando discute a importância de a escola buscar práticas pedagógicas de qualidade, que possibilitem o desenvolvimento das funções mentais superiores.

Nesta perspectiva é possível dizer que na medida em que o professor trabalha o letramento atua na ZDP dos alunos, contribuindo para a elaboração de novas funções de pensamentos. Essa atitude do professor requer uma prática pedagógica que contribua para o processo de alfabetização e letramento dos alunos.

Desse modo, no processo de alfabetização e letramento, segundo Soares (2004), o sujeito precisa ser ativo e interativo, capaz de relacionar-se com a língua escrita em suas utilidades e práticas sociais, interagindo com os materiais, percebendo que a aprendizagem

acontece de forma processual. Nesse caso o professor deve considerar as dificuldades apresentadas pelas crianças na apropriação do conhecimento, e planejar suas aulas a partir de situações desafiadoras que incentivem os alunos a buscarem sentido para a aprendizagem. É necessário ajudar o aluno a encontrar motivos para aprender a ler e escrever, compreendendo a função que a leitura e a escrita têm em suas vidas.

Portanto, alfabetização e letramento precisam ser entendidos como um processo complexo e amplo que perdura muitas facetas. O professor tem um papel primordial de propiciar situações de aprendizagem que desenvolvam a compreensão do uso da leitura e escrita. Esse processo somente poderá ocorrer se a alfabetização for entendida a partir do letramento.

#### **4 DIFICULDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

O termo dificuldade está presente no ambiente educacional há muito tempo, mas nos últimos anos o número de alunos que apresentam dificuldades vem aumentando cada vez mais (CORREIA; MARTINS, 2005). Conseqüentemente, o grau de abandono escolar está ainda maior, ajudando no aumento do fracasso escolar.

Por isso se faz necessário estabelecer a diferença entre fracasso escolar, dificuldade e distúrbio de aprendizagem, mas vale ressaltar que no caso deste trabalho serão analisadas as dificuldades apresentadas pelas crianças no processo de alfabetização e letramento.

Segundo Gomes e Sena (2006), o fracasso escolar é causado por fatores externos, como falta de recursos pedagógicos, profissionais sem qualificação necessária, falta de estrutura física e pedagógica. O distúrbio de aprendizagem é causado por fatores internos, uma disfunção neurológica, necessitando de acompanhamento médico. A dificuldade pode ser determinada por fatores orgânicos, emocionais ou cognitivos, que podem ser resolvidos no ambiente escolar e por meio de acompanhamento psicopedagógico.

Perante os problemas que a educação enfrenta, percebe-se a importância do papel da escola em compreender as dificuldades apresentadas pelos alunos, pois muitas vezes são reflexos do fracasso escolar.

De acordo com Correia e Martins (2005), a dificuldade do aluno pode ser influenciada pelo meio que a aprendizagem ocorre e não puramente por dificuldades cognitivas do estudante. Desse modo, a prática pedagógica poderá influenciar, sendo assim, percebe-se que o professor pode estar relacionado com a dificuldade que o aluno poderá apresentar.

Nessa mesma linha de ideia, Santos, Santos e Aragão (2016) afirmam que a dificuldade implica a relação entre escola, aluno e família na busca de compreender os problemas apresentados pelo aluno em procurar meios para propiciar a aprendizagem e o desenvolvimento.

Por isso Gomes e Sena (2006) afirmam que é preciso compreender as dificuldades com um olhar aprofundado, sendo importante que todos os envolvidos com o sujeito estejam comprometidos em ajudar em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, o professor poderá contribuir na aprendizagem e desenvolvimento das crianças a partir das suas possibilidades.

Santos, Santos e Aragão (2016, p. 2) descrevem que:

[...] quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação muito abrangente e minuciosa. O professor não pode se esquecer de que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar que seus próprios valores não o impeçam de auxiliar a criança em seu processo de aprender.

Por essas razões é importante que o uso dos rótulos seja quebrado, que a criança seja observada em todos os aspectos, como sujeito sócio histórico. Torna-se necessário também que o professor tenha conhecimento sobre como ocorre o processo de ensino e aprendizagem para que possa planejar aulas dinâmicas e interessantes e conseqüentemente os alunos consigam se apropriar de novos conhecimentos. Nesse sentido, é importante enfatizar que aquilo que muitos professores consideram dificuldade não o são, pois são manifestações do próprio processo de apropriação do conhecimento pela criança.

## 5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa surge a partir de um problema, quando se busca respondê-lo. Para Gil (1991, p. 19), a pesquisa é definida como “procedimento racional sistemático que tem Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

objetivo de proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Desse modo, a pesquisa precisa ser planejada de maneira cuidadosa, pois desenvolve-se por meio de processo longo.

Definiu-se que a abordagem da presente pesquisa é qualitativa, pois segundo Gil (1991) a pesquisa qualitativa não busca mensurar os eventos, mas compreender o contexto onde ocorre, buscando analisar integralmente os dados coletados. Foi realizada também uma pesquisa do tipo exploratória, a partir do estudo teórico necessário ao tema em estudo. A pesquisa de campo também foi utilizada, com o intuito de levantar informações e conhecimentos sobre o problema proposto.

Para realizar a pesquisa de campo foi utilizada a entrevista semiestruturada com 5 (cinco) professoras de 4 (quatro) escolas da rede municipal de Sombrio/SC. Destas, 3 (três) escolas atendem alunos do pré-escolar até o nono ano do Ensino Fundamental, sendo uma localizada na Zona Rural e as demais na Zona Urbana, e uma atende em período integral, do pré-escolar até o quinto ano. Ressalta-se que as professoras pesquisadas foram escolhidas de forma aleatória, assim como as escolas.

Para preservar o nome das pesquisadas, serão utilizados os nomes fictícios de Manuela, Ester, Mariana, Joana e Ana. As entrevistas aconteceram nas horas-atividade e no horário de almoço, as professoras foram bem receptivas, mas ficaram um pouco inseguras em responder aos questionamentos. As respostas das entrevistas foram transcritas para posterior análise.

Antes de iniciar a análise de dados das entrevistas com as professoras consultou-se a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Sombrio/SC do Ensino Fundamental I, na qual constatou-se que a Concepção Histórico-Cultural embasa a prática pedagógica dos professores, por entenderem que a mesma compreende o ser humano como um sujeito histórico, cultural e social.

No que diz respeito ao conceito de alfabetização e letramento a Proposta Curricular descreve como “ensinar o sistema alfabético no bojo das práticas de uso da escrita e em favor dessas práticas.” (SOMBRIO, 2012, p. 41). Desse modo, alfabetização e letramento são processos imbricados, um necessita do outro.

A seguir serão apresentados os dados coletados na entrevista com as professoras. Inicialmente apresentam-se a formação acadêmica, tempo de magistério e atuação no ciclo de alfabetização das entrevistadas, conforme o quadro abaixo.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

Quadro 1: Formação e tempo de magistério e que atua no ciclo de alfabetização.

Professora	Formação Acadêmica	Tempo de magistério	Tempo que atua no ciclo de alfabetização
Manuela	Pedagogia	14	11
Ester	Pedagogia e Pós-graduação	9	6
Mariana	Pedagogia e Pós-graduação	15	7
Joana	Pedagogia e Pós-graduação	10	10
Ana	Pedagogia e Pós-graduação	14	9

Fonte: Pesquisa realizada com professoras, setembro/2016.

Como visto no quadro acima no que diz respeito à graduação das professoras, todas possuem Pedagogia, sendo que apenas Manuela não tem pós-graduação. E quanto ao tempo de magistério e atuação no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano), todas apresentam mais de seis anos.

A seguir indagou-se sobre *o que entendem por aprendizagem*. A pesquisada Joana respondeu que é quando a criança aprende a ler e escrever; Mariana entende como a relação dos conhecimentos letrados e científicos; Ester compreende como a descoberta significativa feita pela criança, enquanto Manuela e Ana afirmam que é a construção do conhecimento e desenvolvimento das habilidades.

Desse modo as falas aproximam-se da Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Sombrio do Ensino Fundamental I (2012), pois afirma que é um processo social, ativo, que as crianças aprendem de maneira singular a partir das relações com o meio. Vale ressaltar que a partir dos estudos realizados em Soares (2004) a aprendizagem não é apenas quando o sujeito aprende a ler e escrever, mas sim o resultado de processo amplo e contínuo.

Outra pergunta lançada buscou compreender sobre *o que entendem por processo de alfabetização e letramento*. As pesquisadas Joana e Ester responderam que alfabetização é ler e escrever e letramento é interpretar, mas que não necessariamente é preciso saber ler. Mariana disse que alfabetização se dá por toda vida, enquanto o aprendiz está aberto para aprendizagem, e letramento é compreender as diferentes linguagens que estão presentes no

dia-a-dia. Enquanto Ana e Manuela afirmaram que alfabetização e letramento é um processo.

Ana ainda afirmou que:

Alfabetização e letramento são processos. Alfabetização é onde há a condução da criança para a leitura, porém não é apenas ler por ler, mas compreender o que está sendo lido. Letramento quer dizer ter uma interação do aluno com as práticas sociais da escrita.

Assim, suas falas aproximam-se das ideias de Soares (2004), que considera alfabetização e letramento como processos, sendo que alfabetização é um processo de leitura e escrita, mas que exige a compreensão dos significados, daquilo que se está lendo, e letramento relaciona-se com as práticas sociais da leitura e escrita.

Quando questionadas sobre qual a *concepção de ensino e aprendizagem que embasam as suas práticas pedagógicas*, todas as entrevistadas ficaram inseguras em responder, sendo que foi necessário repetir o questionamento mais de uma vez. Depois disso Joana, Mariana e Ana responderam que utilizam a concepção de Vygotsky, Histórico-Cultural, mas ressaltaram ainda que buscam formas de ensinar a partir de Paulo Freire, Emília Ferreiro, Piaget e Wallon.

Ester definiu como sócio-interacionista, enquanto Manuela não conseguiu definir a concepção, afirmando: “Trabalho de forma que as atividades proposta atinjam os meus objetivos, desenvolvendo no aluno as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever nas diferentes situações”.

Foi possível perceber que algumas professoras entrevistadas ao tratar de concepção de ensino e aprendizagem responderam a partir de estudiosos, como Paulo Freire, Emília Ferreiro, Walon, Piaget e Vygotsky, ao invés das teorias que orientam o seu trabalho, não deixando claro o que prioriza a Proposta Curricular do Município de Sombrio, pois a mesma afirma que:

Os educadores da Rede Municipal de Sombrio definiram a concepção histórico-cultural, por entenderem que esta concepção entende o ser humano como um sujeito histórico, cultural e social e o considera capaz de aprender a partir das relações e interações sociais estabelecidas pelas crianças e jovens, mediados pelo educador (SOMBRIO, 2012, p. 28).

Como as professoras da mesma rede de ensino obtiveram respostas divergentes, questiona-se sobre como acontece o processo de ensino e aprendizagem nestas escolas, já que as professoras não têm definida de forma clara a concepção que embasa sua prática pedagógica.

No que diz respeito *sobre o que entendem por mediação*, as professoras também tiveram dificuldades para responder, sendo que uma delas chegou a pedir ajuda da gestora pedagógica para responder. Depois disso, a pesquisada Joana afirmou que o professor é o mediador, Marina disse que é estar observando o aluno em sua aprendizagem, enquanto Ester respondeu que é quando consegue transmitir o conhecimento. Já Ana disse que está presente na relação professor e aluno, que torna o conhecimento significativo, e Manuela afirmou que é dividir o conhecimento adquirido com outro.

No que diz respeito à mediação as respostas foram divergentes, distanciando do que diz Junckes (2013), que mediação é processo psicológico que permite a apropriação do conhecimento por meio da interação do sujeito e instrumentos. A mediação vai além da interação professor e aluno, é necessário o uso de instrumentos mediadores na apropriação do conhecimento. Então, cabe ao professor elaborar práticas pedagógicas de forma sistematizada e planejada para que a mediação do conhecimento aconteça, e os alunos possam se apropriar dos conhecimentos.

Quando questionadas sobre *o que consideram importante no processo de mediação*, percebe-se dificuldades das entrevistadas em responder, sendo que algumas pediam ajuda para outras professoras que estavam na sala. A entrevistada Ana afirmou que a mediação deve ser de forma prazerosa, que desperte o interesse do aluno. E Manuela disse que um dos critérios de suma relevância é mediar situações diferentes daquelas que os alunos encontram no seu cotidiano. Ester e Mariana responderam que é necessário conhecer o aluno, considerando que cada criança tem um jeito de aprender, já Joana disse que é fazer com que os alunos busquem o conhecimento.

Diante disso encontram-se aproximações com o que afirma Junckes (2013), que para o processo de mediação o professor precisa conhecer a realidade de seus alunos, de que forma se relacionam com o meio, e propiciar situações de ensino e aprendizagem que os alunos investiguem e reflitam, considerando as diferenças de cada um.

*Sobre como consideram o aprendizado de seus alunos em relação à alfabetização e letramento*, as respostas foram divergentes. Joana afirmou que estão em processo, aprendendo, Mariana que está dentro da compreensão de cada aluno, respondendo os conteúdos estudados, Manuela respondeu que o aprendizado é mediano, enquanto Ester disse que é um processo lento perante as dificuldades da turma. E Ana respondeu que tem alunos com ótimo rendimento e alunos que não estão alfabetizados.

Desse modo encontram-se aproximações com o que é descrito na Proposta Curricular do Município de Sombrio (2012), pois aprendizagem é um processo contínuo e individual, que para aprender significa desaprender, que existem processos e retrocessos. E cabe à escola possibilitar de maneira significativa a aprendizagem estabelecendo relação com o meio em que o sujeito está inserido.

Sobre isso, Lucci (2006) também afirma que a aprendizagem é um processo que precede o desenvolvimento, que influencia diretamente, portanto quando o aluno aprende também se desenvolve. Essa ideia reafirma o papel do professor na mediação, visto que para se desenvolver o aluno precisa necessariamente aprender, e não o contrário. Para aprender é necessário que o professor possibilite situações desafiadoras e problematizadoras que motivem a interagir com o conhecimento.

Quando questionadas se *há alunos com dificuldades* todas as entrevistadas responderam que sim, e quanto *a quais dificuldades* as respostas foram diferentes, sendo que Ana e Manuela afirmaram que há alunos não alfabetizados e letrados. Mariana respondeu que há dificuldade de leitura, interpretação e escrita. Joana e Ester descreveram a deficiência intelectual, falta de concentração e déficit de atenção. Assim encontra-se distanciamento com o que afirmam Santos, Santos e Aragão (2016), que a dificuldade é influenciada por fatores orgânicos, psicológicos, pedagógicos e sócio culturais, não por disfunções neurológicas, com responderam as professoras Joana e Ester.

Perante as *causas atribuídas às dificuldades*, as respostas foram divergentes, sendo problemas familiares, falta de acesso à informação, problemas dos próprios alunos e o ciclo de alfabetização. A pesquisada Ana afirmou que “esse ciclo de alfabetização de 3 anos ainda precisa ser entendido por parte de alguns professores”. Neste questionamento percebe-se que as dificuldades apresentadas pelos alunos têm diferentes causas, mas se destaca a fala

da pesquisada Ana, pois ressalta que muito professores não possuem conhecimento sobre o processo de alfabetização em ciclo.

Assim reflete a importância de formação continuada para os professores a respeito disso. De acordo com Santos, Santos e Aragão (2016), é necessário que as instituições envolvidas no processo de ensino e aprendizagem tenham a responsabilidade de desenvolver projetos educacionais que qualifiquem os profissionais, propiciando o sucesso escolar.

Em relação às *metodologias e recursos que utilizam para mediar o processo de alfabetização e letramento dos alunos que apresentam dificuldades*, a pesquisada Joana respondeu que trabalha de forma diferenciada, Mariana afirmou que encaminha para o reforço e encontra dificuldades em trabalhar diferenciando, Ana disse que o número de alunos dificulta o trabalho, mas que procura adaptar os conteúdos de formas variadas. Já Ester e Manuela responderam que utilizam os recursos e metodologias a partir do seu planejamento.

De acordo com Junckes (2013), o professor perante as dificuldades deve utilizar sua criatividade para trabalhar nas diferentes realidades, fazendo com que o aluno se sinta parte do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo as metodologias e recursos são pontos relevantes no processo de alfabetização e letramento de alunos com dificuldade, pois por meio deles que o aluno conseguirá aprender e se desenvolver.

Portanto, percebe-se que algumas das professoras não utilizam recursos e metodologias que contribuem para a mediação no processo de alfabetização e letramento, dificultando o processo de apropriação dos conhecimentos pelos alunos. Então ressalta-se a importância de o professor planejar suas aulas, extinguindo práticas pedagógicas que favoreçam a homogeneidade, considerando a singularidade dos alunos, pois eles apresentam diferentes ritmos e formas de aprender.

## 5 CONCLUSÃO

Ao concluir esta pesquisa, percebe-se a importância da mediação no processo de alfabetização e letramento de crianças com dificuldade, porém se as professoras ainda não compreendem de forma clara o que é mediação, como podem mediar a aprendizagem dos alunos? A mediação é de suma importância para apropriação do conhecimento, visto que, a aprendizagem não ocorre de forma isolada. O ser humano precisa constantemente do outro

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

nesse processo, sobretudo processo de alfabetização e letramento das crianças que apresentam dificuldades.

No que diz respeito à concepção de ensino e aprendizagem as professoras revelaram insegurança em identificar qual teoria embasa sua prática pedagógica. Ressalta-se a importância da formação contínua e as reflexões sobre esta, já que a Proposta Curricular do município pesquisado define a Concepção Histórico-Cultural como a base de sustentação.

As dificuldades encontradas no processo de alfabetização são entendidas de maneira equivocada pelas professoras, sendo que elas descrevem distúrbios de aprendizagem como dificuldade. Pode-se perceber que as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas com alunos que apresentam dificuldade precisam ser planejadas de forma intencional e sistematizada, para que possam aumentar possibilidades de o aluno aprender.

Outra questão que merece destaque refere-se às metodologias utilizadas na mediação do processo de alfabetização e letramento das crianças que apresentam dificuldade. Nesse aspecto percebeu-se que as professoras não levam em consideração as particularidades das crianças ao planejar sua prática pedagógica.

Ressalta-se a importância de problematizar os resultados desta pesquisa, e que possa contribuir para a formação inicial e continuada dos professores, pois é de suma importância que o professor compreenda que é necessária a mediação para o processo de alfabetização e letramento de crianças que apresentam dificuldades.

## 6 REFERÊNCIAS:

CORREIA, Luis de Miranda; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldade de aprendizagem: quem são? E como entendê-las?** Porto editora, 2005. 20 p.

FARIAS, Sandra Alves; BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Concepção de mediação: o papel do professor e da linguagem. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 13, n. 29, p.94-109, 2013. Jul/dez. Disponível em: <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/626/713>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. São Paulo: Autores associados, 2005. 176 p.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997. 232 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1970, 189 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.159 p.

GONTIJO, Cláudia Maria M. A escrita infantil. In: \_\_\_\_\_. **Questões sobre alfabetização e o letramento**. São Paulo: Cortez, 2008.p.15-35.

JUNCKES, Rosani Casanova. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS FRENTE ÀS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS, 5.; 2013, Tubarão. **Anais...** Campus universitário de Tubarão, 2013. p. 1-8.

LUCCI, Marcos Antônio. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica**. Profesorado. Revista De Currículum y formación del profesorado. Produção on-line. Espanha: Fecyt, 2006, ago.Disponível em: <http://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>. Acesso em: 25 abr.2016.

SANTOS, Gracineide Barros; SANTOS, Jamison Luiz Barros; ARAGÃO, Ildema Gomes. **Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização**. Disponível em: [http://midia.unit.br/enfope/2013/GT3/DIFICULDADES\\_DE\\_APRENDIZAGEM\\_NO\\_PROCESSO\\_DE\\_ALFABETIZACAO.pdf](http://midia.unit.br/enfope/2013/GT3/DIFICULDADES_DE_APRENDIZAGEM_NO_PROCESSO_DE_ALFABETIZACAO.pdf). Acesso em 30 de abr. 2016.

SENNÁ, Maria de Fátima Cardoso; SENA, Maria das Graças de Castro (Orgs). **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. 2. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 128p.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais, n.25, p.5-16, jan./abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002, 124 p.

SOMBRIO, Secretaria Municipal de Sombrio. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Sombrio: Educação Ensino Fundamental**. Sombrio, SC: 2012. 165 p.